



ENTREVISTA:
PAULINE SCHMITT-PANTEL

Pauline Schmitt-Pantel é professora emérita de História Grega da Universidade Paris-1 Panthéon-Sorbonne. Pauline é especialista no estudo da história do gênero, da história da religião grega, assim como da história dos costumes e da política. A renomada belenista que tem uma vasta e importante publicação na área participou de vários eventos produzidos pelo NEREIDA/UFF (Núcleo de Estudos de Representações e de Imagens da Antiguidade). A entrevista ora publicada foi concedida e traduzida pela Profa. Dra. Talita Nunes Silva Gonçalves em abril do corrente ano



ENTREVISTA

TNSG: *A História de Gênero se encontra entre os temas de pesquisa pertinentes a sua produção bibliográfica. Em que momento o gênero se tornou relevante a sua pesquisa? Porque esta abordagem despertou seu interesse? Qual é a definição que adota do conceito?*

PS-P. A história do gênero tem suas raízes na história das mulheres que se desenvolveu na França na década de 1970 em conexão com a luta das mulheres para obter diferentes direitos, um movimento social que foi denominado como 'feminismo'.

Na França, o campo história das mulheres como vertente da história grega se baseou em pesquisas conduzidas sobre os mitos e o imaginário. De fato, os trabalhos de J. P. Vernant, Marcel Detienne, Nicole Loraux (entre outros) mostraram a importância da diferença dos sexos no pensamento grego. O masculino e o feminino, sua oposição ou sua complementaridade, foi um dos grandes meios de construir o mundo, ao lado da diferença de status (livre / escravo, cidadão / não-cidadão) e das hierarquias econômicas e sociais. Ao mesmo tempo, a história das mulheres e, em seguida, a história do gênero foram grandemente influenciadas por estudos em outras áreas das ciências sociais, particularmente a antropologia e a sociologia. Do ponto de vista de seus métodos e também de seus debates, a história do gênero é necessariamente uma história multidisciplinar.

É difícil datar quando «o gênero se tornou relevante para minha pesquisa». Posso dizer que isso aconteceu de forma gradual e sem interrupção. Quando estávamos escrevendo os volumes da “história das mulheres”, o que nos interessava já era ver a interação entre o mundo masculino e o mundo feminino, e estudar a construção dessa relação em profundidade histórica.

Em minha pesquisa adoto uma definição ampla de 'gênero': Por gênero, compreendo a maneira pela qual uma sociedade classifica os domínios masculino e feminino em sua cultura, suas instituições, sua política. O gênero é uma



categoria social construída em um contexto histórico particular. A maneira pela qual a sociedade ateniense do século V a.C., por exemplo, construiu em seus textos legislativos, suas instituições, suas obras literárias, seus monumentos, suas imagens, a relação entre o masculino e o feminino é específica desse momento histórico. Essa forma particular de construção social e política pode então ser confrontada com outras formas que contribuem para forjar a identidade cívica, o que leva à inclusão do gênero em uma história global.

Isso foi o que tentei fazer ao estudar os muitos temas relativos à construção de gênero na vida dos homens políticos da cidade ateniense no Período Clássico.¹ E é isso que busco ao trabalhar com os tratados sobre “Moralia” de Plutarco e outros tópicos.²

TNSG: Suas pesquisas também dão um lugar especial às imagens. Como a iconologia permite aos historiadores da antiguidade compreender a construção do gênero?

PS-P. É difícil responder a esta questão de maneira geral. Para respondê-la é melhor ter em mente temas precisos retirados da iconografia grega. Eu tomo dois exemplos, as cenas em torno do guerreiro e as cenas de banquete. Um momento muito importante da vida cívica tratado nas imagens permite refletir sobre a construção do gênero na cidade ateniense, este momento é ‘traduzido’ nas cenas em torno do guerreiro, de seu armamento, de sua partida e de sua morte. Nós vemos aí os papéis diferentes e complementares do masculino e do feminino, e a importância do papel da mãe na ideologia cívica. Os artistas que criaram tais imagens enfatizam a parte feminina necessária a realização da guerra e da proteção da cidade. Não só as mulheres dão filhos à cidade, mas elas os fazem guerreiros, elas aparecem como um elemento central da fabricação do herói tanto nos tempos míticos como nos tempos das cidades: aparecem na entrega das armas, estão presentes durante o rito de libação por ocasião da partida, às vezes por ocasião dos combates, e nos funerais. As imagens mostram este papel das mães e esposas sobre as pinturas nos vasos cerâmicos destinados ao universo masculino: ânforas e crateras são vasos usados no ban-

1 SCHMITT-PANTEL, Pauline. *Hommes illustres, Mœurs et politique à Athènes au Vème siècle*. Paris : 2009, Aubier.

2 SCHMITT-PANTEL, Pauline. ‘Historias e narrações em Plutarco : o exemplo dos Erotikai Diegeseis (Historias de amor)’. *Phoenix*, 2012, p. 73-102; SCHMITT-PANTEL, Pauline. ‘O Cinturão das Amazonas: entre casamento e guerra, uma história de gênero’. In: ZIERER, Adriana; VIEIRA, Ana Livia B. *História Antiga e Medieval. Conflitos Sociais, Guerras e Relações de Gênero: representações e violência*, São Luís: Ed. UEMA, 2017, v. 6.



quete. Se reiterarmos estas observações dentro da perspectiva da construção do gênero, nós vemos que é necessário abandonar uma apresentação da cidade grega que opõe de modo radical os espaços e as funções masculinas e femininas. A realidade é muito mais matizada. Mulheres e homens constroem muito frequentemente de modo solidário o conjunto dos valores que dão coesão a comunidade.

Segundo exemplo: as imagens de banquete sobre os vasos cerâmicos que são muito numerosas e permitem igualmente refletir acerca do modo grego de construir o gênero. Em duas palavras, trata-se de ver como as imagens de simpósio (de banquete) abordam a presença de homens e mulheres no banquete. Um percurso por estas imagens permite questionar a vulgata destas iconografias: ao lado dos homens adultos do sexo masculino, os homens jovens seriam os *paides* - os futuros cidadãos, as jovens mulheres seriam as *hétaires*, as cortesãs.

Em outras palavras: haveria uma diferença de status entre os homens jovens e as moças que estavam sobre uma *kliné*, os primeiros eram valorizados (convidados do banquete), enquanto as moças seriam desvalorizadas (instrumentos servis do prazer masculino). Eu poderia mostrar que essa leitura foi histórica e ideologicamente muito marcante.³ Ela atribui um status as imagens que não corresponde ao que elas estão de fato 'dizendo'. O importante na imagem é o caráter intercambiável do jovem e da jovem que está ao lado do cidadão adulto do sexo masculino, sendo que a diferença de status e a eventual hierarquia passam entre o cidadão e os outros personagens. Do ponto de vista da construção do gênero, esse conjunto de imagens destaca, assim, mais uma vez, a importância na comunidade ateniense do lugar do indivíduo enquanto cidadão. Pode-se dizer que a qualidade de cidadão ou não-cidadão supera a associação a um sexo.

A iconografia permite que os historiadores entendam certos aspectos da construção do gênero na antiguidade, mas devemos primeiro colocar um novo olhar sobre as imagens, isto é, colocar as questões do nosso tempo às imagens.

TNSG: Desde a primeira edição da História das Mulheres no Ocidente (1990), volume organizado por Georges Duby e Michelle Perrot, a senhora explicava as razões pelas quais os historiadores da antiguidade deveriam utilizar o gênero. Como o seu uso pode contribuir para uma melhor compreensão

3 SCHMITT-PANTEL, Pauline. *Aithra et Pandora. Femmes, Genre et Cité dans la Grèce antique*. Paris : L'Harmattan, 2009.



da antiguidade? A seu ver quais são atualmente na História Antiga as principais linhas de investigação de gênero? Quais são os desafios que hoje se apresentam aos estudos de gênero na antiguidade? De que maneira tais estudos podem contribuir com os debates atuais sobre o gênero?

PS-P. Se o reconhecimento da diferença dos sexos como objeto da história foi a força motriz da pesquisa na década de 1990, o desafio dos estudos atuais é determinar onde, quando e como a construção do gênero é significativa, de alguma forma, para o fazer histórico.⁴ O gênero é agora entendido como uma interrogação sobre o papel desempenhado pela diferença dos sexos na sociedade. Para esclarecer o funcionamento das identidades de gênero, é desejável variar três critérios de análise: a diversidade dos tipos de fontes levadas em conta, a diversidade geográfica e cronológica, a diversidade dos tipos de atividades consideradas. O objetivo é perceber como o gênero interage com outras formas de diferenciação - como status político, posição socioeconômica, parentesco - em um dado contexto cronológico e cultural.

Na história antiga, as mulheres, como indivíduos ativos, tornam-se objetos de investigação, sem pressupor polaridade ou antagonismos sexuais. Trata-se de conhecer a função que as mulheres ocuparam em diferentes práticas sociais, econômicas e políticas.

Um exemplo da direção tomada pelas pesquisas é a constituição em andamento de um banco de dados cujo nome é “Eurykléia”, aquelas que possuíam um nome ou como tornar as mulheres visíveis, que será uma base de dados on-line. Esta base de dados visa reunir todas as ocorrências de mulheres que realmente viveram e que são nomeadas pelo seu nome pessoal em documentos antigos, incluindo documentos arqueológicos.⁵ A área geográfica da pesquisa é a bacia do Mediterrâneo em suas extensões orientais e ocidentais, no período que vai do século VII a.C. ao III d.C. Esta base de dados não pretende produzir um dicionário biográfico de mulheres antigas, nem é um empreendimento

4 SEBILLOTTE CUCHET, Violaine; ERNOULT, Nathalie (Org.). *Problèmes du genre en Grèce ancienne*. Paris : Publications de la Sorbonne, 2007. BOEHRINGER, Sandra; SEBILLOTTE CUCHET, Violaine. *Hommes et femmes dans l'Antiquité grecque et romaine. Le genre : méthode et documents*. Paris : Armand Colin, 2011. SEBILLOTTE CUCHET, Violaine. Régimes de genre et antiquité grecque classique (Ve-IVe siècles av. J.-C.). *Annales HSS*, jul-ser 2012, N°3, p.573-603. SEBILLOTTE CUCHET, Violaine. Touchée par le féminisme. *L'Antiquité avec les sciences humaines*. PAYEN, Pascal ; SCHEID-TISSINIER, Evelyne (Org.). *Anthropologie de l'Antiquité, anciens objets, nouvelles approches*. Turnhout: 2012. BOEHRINGER, Sandra ; SEBILLOTTE CUCHET, Violaine (Orgs.). *Des femmes en action. Mètis, Hors Série* 2013.

5 Veja a apresentação desta pesquisa e um primeiro dossiê de artigos na revista *Pallas* 99/2015: *Femmes et actes de mémoire*, p.9-131.



prosopográfico, mas sim um estudo das percepções antigas das mulheres através do estudo da fonte que produziu o nome e da forma de sua enunciação. O usuário do banco de dados deve ser capaz de avaliar a maneira como o sexo do personagem aparece, se ele se relaciona com uma função ou uma atividade social, e em que proporção ele influencia ou não a recepção das ações realizadas.

Um questionamento do que há muito se diz ser uma característica fundamental das sociedades antigas está emergindo: a exclusão das mulheres da política. Se pensarmos na cidadania empiricamente (como fazem os anglo-saxões), as mulheres encontram seu lugar na cidade como cidadãs. Os trabalhos de Josine Blok, Claudine Leduc, Violaine Sebillotte, entre outras, mostram a inclusão das mulheres em uma cidadania definida de modo amplo.⁶ Essas mulheres são, na verdade, indivíduos totalmente cidadãos, que se caracterizam pela participação na pólis, na politeia, nos *koina*, nos *hiera kai bosia*. Aos olhos dos atenienses, por exemplo, há mulheres *politai*, cidadãs. A distinção entre cidadãos e cidadãs existe para certas funções na pólis, mas não na natureza ou na qualidade dos indivíduos. Se as cidadãs são excluídas como mulheres das instituições deliberativas e judiciais das cidades, elas são cidadãs plenas quando se trata de encarnar as funções de autoridade em outras áreas da vida social, especialmente no campo das relações com o divino.

De minha parte, vejo aqui a necessária integração do gênero na reflexão que tem sido realizada nos últimos anos sobre a natureza da política nas cidades gregas, uma reflexão que até agora tendia a não levar em conta as mulheres em sua análise. Com a nova geração de estudos de gênero, entramos na história antiga em uma fase de conquista. Fim a 'infelicidade' das mulheres 'sem cabeça', 'sem sexo', sem nome e sem poder. Uma outra página da história das mulheres está sendo escrita, ela está nas mãos de uma nova geração de historiadoras e historiadores que tem no coração, tanto quanto nós tivemos há trinta anos (momento da publicação da *História das Mulheres no Ocidente*), de inscrever sua abordagem de modo militante no mundo contemporâneo.

6 BLOK, Josine. *Citizenship in classical Athens*. Cambridge : Cambridge University Press, 2017. SEBILLOTTE CUCHET, Violaine. 'Ces citoyennes qui reconfigurent le politique. Trente ans de travaux sur l'Antiquité grecque'. *Clio, Femmes, Genre, Histoire*, 43/2016, p. 185-216 . De modo mais geral, ver: SCHMITT PANTEL, Pauline. 'Citoyens, citoyennes, citoyennetés'. In: SCHMITT PANTEL, Pauline (Org.). *Citoyennetés et droits de l'homme*. Marseille-Paris : Mucem/Hazan 2016, p. 22-37. FRÖHLICH, Pierre. 'La cité grecque entre Aristote et les modernes'. *Cahiers Glotz*, XXVII, 2016. E a resposta de Violaine Sebillotte Cuchet, 'Gender studies et domination masculine. Les citoyennes de l'Athènes classique, un défi pour l'historien des institutions'. *Cahiers Glotz*, XXVIII, 2017.



TNSG: *No Brasil a questão do gênero tem sido alvo de debates e suscitado reação conservadora por parte da sociedade. Alguns políticos têm defendido a limitação da autonomia docente ao propor o fim de determinadas discussões em sala de aula. Dentre tais discussões que visam abolir se encontra o debate sobre o gênero. Como a sociedade francesa reage as discussões em torno deste conceito? Como a classe política tem lidado com esta questão?*

PS-P. Os debates foram animados também na França. Surgiram por ocasião da inserção da menção de gênero nos manuais de “ciência e vida da Terra” destinados aos alunos das escolas secundárias, e foram conduzidos pelo movimento contra o “casamento para todos” (lei que visava permitir o casamento com pessoas do mesmo sexo, lei votada em 17 de maio de 2013). Era necessário resistir a uma evolução jurídica considerada ilegítima e “impedir a difusão para as crianças do conceito de gênero que enfraquece sua identidade sexual homem / mulher”. Essa “teoria” colocaria em risco o contrato social, promovendo a ‘indiferenciação’ dos sexos. Assim, a denúncia da “teoria do gênero” toca no elo entre a democracia sexual e a república igualitária. Aqueles que se colocam contrários ao uso do conceito de ‘gênero’ são mulheres e homens próximos do catolicismo tradicional e de grupos políticos conservadores, até mesmo de extrema direita, que encontram aí uma maneira de atacar um governo socialista. O debate atinge a esfera do estado. A Ministra dos Direitos da Mulher colocou on-line em 6 de junho de 2013 um vídeo intitulado “A teoria de gênero não existe”. E o Ministro da Educação Nacional em 28 de janeiro de 2014 declarou à assembleia: “Não dê ouvidos àqueles que querem semear o ódio e a divisão nas escolas. O que fazemos não é a teoria de gênero, eu a recuso, é promover os valores da República e a igualdade entre homens e mulheres”. A “teoria do gênero” não existe, mas sua fantasia invadiu o espaço público e alimentou as oposições políticas. Essa controvérsia, tão vívida em 2014, está desatualizada? Certamente que não. Até hoje as questões de gênero são importantes, tanto na França quanto na Europa e no mundo, e são indissociáveis das reconfigurações políticas.